

INTRODUÇÃO

*“Minha maior obra de arte foi
ser professor de arte.”
Joseph Beuys**

O presente trabalho busca uma aproximação das *ações* artísticas de Joseph Beuys com elementos norteadores observados na prática de ritos, no que tange à relação com o espaço, a administração do tempo, a manipulação de materiais e de símbolos, bem como a freqüente figura do xamã, com o objetivo de, através de algumas *ações* do artista, constatar nelas a presença de “princípios ou estruturas rituais”.

Atribuir ao artista a designação de xamã, pastor, guia ou líder é comum a praticamente toda a bibliografia sobre ele, bem como qualificar muitas de suas *ações* como rituais disto ou daquilo (rito de morte, rito de purificação, rito de passagem...). Segundo Alan Borer: “*suas ações ganham o sentido de verdadeiros rituais, que mostram Beuys em um estado de concentração e de intensidade cuja força comunicativa, freqüentemente qualificada de fascinação, é atestada por todos os presentes.*”¹ No entanto, a maioria dos autores não justifica aprofundadamente o porquê de tais associações com as práticas rituais. Buscamos então localizarmo-nos na discussão do tema para tentar constatar o motivo das constantes comparações das *ações* do artista com a prática de ritos.

Os mitos nos permitem refletir sobre a nossa realidade. É um tema bastante complexo, cuja abordagem e interpretação pode ser bastante variada. Em sua obra “*o artista não prega a funcionalidade do mito, e sim, a eficácia do seu estímulo. A idéia torna-se símbolo. Assim é com os mitos, assim é com a arte de Beuys.*”² O artista configurava em suas *ações* um universo de símbolos míticos, imagens primitivas, bem como a freqüente associação xamã³/artista. Uma ligação que convidava a uma interação com a natureza, com a intuição, com o fluido,

* SHARP, Willoughby. **An Interview with Joseph Beuys.**

¹ BORER, Alan. **Joseph Beuys**, p. 31

² BACH, Christina Eliza. **O lugar Beuys**, p. 31

³ Indivíduo a que se atribui a função e o poder de recorrer a forças ou entidades sobrenaturais para realizar curas, adivinhações, encantamentos, etc., e cuja atuação pode ou não envolver um estado de transe. *In: Dicionário Aurélio versão digital.*

desenvolvendo um interesse e uma linguagem estética que buscava uma união entre a arte e a vida.

Joseph Beuys foi um artista que voltou sua arte em muitos momentos para questões políticas, ecológicas e espirituais. Via a arte como um modo de intervenção na sociedade, uma arte que fosse capaz de ser revolucionária, realizando uma série de “ações” que tinham como objetivo uma transformação social. A *ação* foi um dos caminhos que o artista encontrou para tornar concretas as suas idéias, uma vez que, segundo ele, “*se apenas as tivesse pintado, nunca teriam passado de meros quadros.*”⁴

Quando utilizamos o termo *ação* para designar trabalhos do artista, estamos nos aproximando da idéia de *performance artística*, mas Beuys queria ir além da performance, queria que esta fosse de fato uma ação prática, com frutos no campo social. Uma ação que estivesse além do campo da arte, que alcançasse a vida cotidiana.

A arte de Beuys possui uma natureza experimental, evocando interpretações simbólicas, apenas enunciadas em sua obra. Aqui não caberia uma obra cuja significação estivesse totalmente elaborada e fechada pelo artista. O público tornava-se também criador da obra que era modestamente uma indicação da vida cotidiana, cotidiano este, aberto a todos os imaginários.

O ato⁵ e a *ação* são dominantes na obra de Beuys. Iniciando seus trabalhos por esta linha ao lado do grupo Fluxus, suas *ações* estão repletas de material textual, sonoro e plástico cuidadosamente elaborados. Entretanto, a obra e a teoria de Joseph Beuys não podem ser vistas separadamente. Sem um conhecimento das teorias e pensamentos do artista, a leitura de muitas de suas obras tornar-se-ia dificultosa. A obra do artista apresenta diversas questões, que por sua multidimensionalidade, este trabalho não conseguiria abarcar. Temos ciência de que apenas estamos privilegiando um olhar sob sua obra, dentre os diversos possíveis.

⁴ STACHELHAUS, Heiner. **Joseph Beuys**, p. 144

⁵ Ato num sentido de ativismo político, neste momento desligado de idéias estéticas, como perceberemos existir em suas *ações*.

O objetivo deste trabalho não é avaliar as *ações* de Beuys qualitativamente, mas observar como o pensamento do artista transfigurava-se esteticamente nestas, bem como apontar possíveis aspectos rituais que as conduzissem, a partir de observações comparativas entre estruturas e princípios comuns à prática de ritos com as *ações* do artista, obras estas que refletiam esteticamente o pensamento alemão, a crise europeia e uma herança romântica.

A repetição faz parte da própria essência do rito, não importando por qual vertente metodológica o rito seja observado, seja a função de espelho social, de mantenedor da tradição, de organizador social, de confirmação das estratificações sociais ou se levam em conta a genética e o ambiente físico. Para alcançar o objetivo principal do nosso trabalho, no entanto, partimos de uma apresentação de pensamentos do artista acerca de uma série de temas que aparecem “repetidamente” por toda a sua obra, para que pudéssemos posteriormente perceber o modo como o artista os punha em prática, em *ação*.

Nossa pesquisa bibliográfica se concentra em obras que privilegiaram o artista, utilizando livros, catálogos, artigos, entrevistas procurando basear nossa leitura, assim como nossa escrita, nas “palavras de Beuys”. Além da bibliografia de apoio, buscamos textos do próprio artista. Através de alguns livros que tiveram como objetivo coletar entrevistas, palestras, conferências ou mesmo textos escritos por Beuys, procuramos analisar deste modo o universo do seu pensamento e obra. Como uma espécie de fonte primária tentamos *desmistificar* o artista e algumas de suas *ações* partindo de suas próprias palavras, embora não tenhamos deixado de lado teóricos que pudessem contribuir para a fundamentação desta pesquisa.

Iniciamos nosso trabalho mergulhando no modo como Beuys encarava determinados assuntos. No primeiro capítulo contextualizaremos o pensamento do artista em relação a diversos temas que povoaram sua obra, como a educação, a política, o meio ambiente, o cristianismo, os materiais que utilizou e a presença de sua biografia no contexto de sua obra. Destacaremos a relação que seu pensamento tem com Rudolf Steiner e o Grupo Fluxus. Perceberemos ainda que as intenções de arte como totalidade da vida ou, que na idéia embutida em sua célebre frase “cada homem é um artista”, já estavam de algum modo presentes nas

problemáticas estéticas de Steiner. Com o grupo Fluxus buscaremos evidenciar o início de suas *ações* de caráter político e social.

O segundo capítulo constará de alguns pensamentos do artista sobre arte, como os conceitos de escultura social e de arte ampliada, o ato imaterial de dar formas a atividades e idéias criativas. Veremos como Beuys declara que a arte é a única possibilidade para mudar o mundo, mas que isso apenas seria alcançado com uma reforma educacional e com a ampliação das idéias que as pessoas têm de arte. Para nos apoiar em tal discussão optamos por um paralelo com Edmund Husserl, percebendo uma possível relação entre ambos em questões originárias semelhantes no que tange à “crise européia”. Ambos parecem reclamar uma urgência de compreensão do espírito dificultada pelo racionalismo, de uma busca da essência primeira do homem, reconstituindo uma totalidade corrompida. A partir de tais idéias, proporciona-se uma identificação entre arte e vida, dissolvendo as fronteiras outrora colocadas pelo processo de racionalização, questões tais, presentes nas *ações* do artista.

No terceiro capítulo nos deteremos a princípio em uma apresentação do conceito de rito, para posteriormente estabelecer uma relação entre a idéia de rito e as *ações* do artista. Aqui apontaremos em suas *ações* (especificamente em: O Chefe; Como explicar quadros a uma lebre morta; Introdução homogênea para piano de cauda: o maior compositor contemporâneo é a criança talidomida; Manresa; Celtic +~~~~ e Coyote: I like America and America likes me)⁶ a presença prática de seu pensamento e de princípios rituais, as idéias de cura, de pedagogia, de transformação, de política, de religião, de meio ambiente, de tempo, de xamanismo e o modo como acontecia a construção da ambientação de suas *ações*. Veremos também de que modo o artista operava com os elementos materiais e plásticos que constituíam o ambiente da *ação*, utilizando-os como material de reflexão, buscando em suas naturezas e na simbologia que lhes eram atribuídas, uma possibilidade, um suporte pedagógico que servisse ao seu projeto de transformação social.

Para aproximar suas *ações* de práticas rituais, nos apropriamos de alguns estudos antropológicos, dentre estes, a idéia de *liminaridade* apresentada por

Victor Turner⁷. Turner percebeu que os ritos dividiam-se basicamente em três momentos ou fases: a pré-liminar (que seria o momento preparatório), a liminar (a ação em si) e a pós-liminar (momento em que absorvemos a ação acontecida). Procuramos entender a *liminaridade* presente nas *ações* de Beuys como um modo de romper com os limites do cotidiano, ampliando-o, enfatizando transformações subjetivas em si e no outro, possibilitando como nos ritos, uma experiência limítrofe da existência humana.

Os ritos estabelecem na vida do homem uma espécie de momento de pausa, onde este se desloca da vida cotidiana, podendo propiciar nesse instante um espaço para reflexão sobre a estrutura em que vive, reelaborando-se, como afirma Geertz, que via de um modo geral nas ações artísticas um campo privilegiado para isso. Para Geertz, a performance artística é um lugar de interação, espaço onde toda a simbologia cultural projeta-se sobre o grupo de observadores, reformulando suas relações com o mundo, através da transformação de ações ordinárias, cotidianas, em ações com uma dimensão sagrada. Estes símbolos seriam modelos que vêm da realidade e projetam-se para essa mesma realidade, herdados de tempos muito antigos. É assim que “*os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento, suas atividades em relação à vida*”⁸. Neste sentido, a ação artística, através de sua manipulação de símbolos, amarrados por uma rede de significações, torna-se um suporte para a transmissão de valores a um grupo. A partir de tal autor, poderíamos entender nas *ações* de Beuys um envolvimento do grupo em uma realidade simbólica, estabelecendo certas tendências, hábitos, compromissos, que poderiam modelar suas ações em relação ao mundo.

Apesar de Beuys, ao afirmar que todo homem é um artista (Jede Menschen ist ein Künstler), estar aproximando a arte à vida, tentaremos perceber em suas *ações* a tentativa de um afastamento momentâneo e pontual do cotidiano, de modo a levar o homem a experimentar estar num *outro lugar* e num *outro tempo*, que não os vividos no dia-a-dia, mas que, de certo modo, fazem parte dele também, como é possível observar na prática dos ritos, de tal modo que este distanciamento

⁶ O detalhamento destas ações se encontra nos anexos desta dissertação.

⁷ TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura.**

⁸ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, p. 103.

proporcionasse um campo fértil para reflexões sobre a sociedade.